

quatro séculos, e reconhecendo os felizes efeitos da sua mútua aliança, principalmente os produzidos na presente crise, durante a qual Sua Alteza Real, o Príncipe Regente de Portugal, unido à causa da Inglaterra, tem constantemente recebido de Sua Magestade Britânica o mais generoso, e desinteressado socorro; e debelado o inimigo, tanto em Portugal, como em outros lugares dos seus domínios, procuraram consolidar, e apertar com os mais estreitos laços a sua antiga amizade, e dar maior extensão à sua aliança com novas obrigações, que de parte a parte se contraíram pelo dito tratado, o que não consta dos seus artigos. Pelo segundo, os mesmos altos soberanos igualmente animados do desejo de não só consolidar, e estreitar a antiga amizade, e aliança, mas também de aumentar e estender os seus benéficos efeitos em mútua vantagem dos seus respectivos vassallos, adotaram, como meios os mais eficazes para conseguir êste fim, um novo sistema liberal de comércio, fundado sôbre as bases de reciprocidade, e mútua conveniência, que pela descontinuação de certas restrições, e direitos proibitivos pudesse procurar as mais sólidas vantagens de ambas as partes às produções, e indústria nacionais, e dar ao mesmo a devida proteção, tanto à renda pública, como aos interesses dos seus respectivos vassallos, por meio de um comércio justo, e legal. O que tudo por extenso se pôde ver nos trinta e quatro artigos, de que consta o dito tratado de comércio, o qual é ilimitado, quanto à sua duração; porém fica reservado aos altos contratantes o direito de no fim de quinze anos examinarem, e reverem juntamente os seus diferentes artigos, e então de proporem, discutirem, e fazerem aquellas emendas, ou adições, que os verdadeiros interesses dos seus respectivos vassallos possam parecer requerer. Finalmente, pela convenção sôbre os paquetes, concordaram os augustos soberanos, que para o serviço público das Côrtes de Sua Alteza Real, e de Sua Magestade Britânica, e para facilitar as relações comerciais dos seus respectivos vassallos, que se estabelecessem as embarcações de correio, chamadas paquetes, as quais sairão de Falmouth para o Rio de Janeiro uma em cada mês, e tocarão na Ilha da Madeira, e na cidade da Baía, ou na ida, ou na volta dos mesmos paquetes: ficando reservado a Sua Alteza Real estabelecer outros dos seus portos para a Grã-Bretanha, etc.

Querendo a cidade do Rio de Janeiro festejar, e aplaudir os reais desposórios da sereníssima senhora princesa, D. Maria Teresa com o seu prezado primo, o sereníssimo senhor infante de Espanha, o ilustríssimo conselheiro intendente geral da po-

lícia, Paulo Fernandes Viana, tomou a seu cargo a direção, e a execução de todo o festejo: e assim se construiu debaixo das suas ordens no Campo de Santa Ana uma praça, que pela sua extensão, grandeza, e elegância, levou a palma a todas quantas jámais se fizeram nesta cidade; e também pela vastidão da obra, concluída em menos de cinco meses, se mostrou não só o zêlo incansável dêste digno magistrado, mas também o gôsto, e prontidão, com que os oficiais, que a construíram, e a ornaram, se empenharam em agradar, e bem servir ao nosso amável soberano com a fatura, e perfeição de uma obra admirável, consagrada ao ditoso consórcio da sua augusta filha, e digna da sua real presença. Esta praça do curro era um polígono de doze lados quase oval, tendo de comprimento de trincheira a trincheira quatrocentos e setenta e quatro palmos, e de largura trezentos e cinquenta e um: das trincheiras aos camarotes corriam as bancadas em forma de anfiteatro, e tinham de altura quinze palmos; e desde o terreno até à cimalha tinha de alto, a praça, quarenta e dois palmos em toda a sua circunferência. Os camarotes ocupavam dois andares em número de trezentos e quarenta e oito, todos muito espaçosos, e cômodos. Por cima da entrada principal se via de um lado o Himeneu, e de outro a América, e em tórno da praça sôbre a cimalha real serviam de adôrno pirâmides, e vasos; no frontispício do camarim de Suas Altezas Reais sobressaíam as musas, e troféus; nas extremidades descansava a Justiça, e a Fama; e no alto as Reais Quinas Portuguesas coroavam a frente, realçando ao mesmo tempo a beleza de todo o artefato. O camarim real tinha de largura cinquenta e dois palmos em frente, e outros tantos em comprimento; nele havia várias repartições interiores para maior comodidade da real família, e terminava para a parte, que olha para a igreja de Santa Ana, com uma varanda, onde havia três janelas com vidraças, as quais se podiam correr, como fôsse necessário. Todo o adôrno desta majestosa peça era rico, e digno da grandeza de quem a havia de ocupar com a sua real família; porquanto no exterior tudo era artificialmente pintado a óleo com muito primor, e no interior era todo ricamente forrado de damasco, veludo, e ouro, crescendo para maior realce a linda pintura do teto. Na frente da praça se apresentava uma espaçosa escadaria de dois lanços, com a sua balaustrada, para onde se podia subir para o real camarim; e na face do Campo havia também outra espaçosa escada, para a qual se entrava por um portão, que ficava inferior à janela central da varanda. Serviria esta escada para Suas Altezas Reais subirem por ela para o camarim, sem ser necessário entrar pela praça.

Muitos dias antes de começarem as magníficas festas saíu, por ordem do ilustríssimo conselheiro, intendente geral da polícia, um bando, composto de mascarados burlescos a cavalo, anunciando com bastante folia, e estrondos de foguetes do ar, por toda a cidade, ser permitido a qualquer vestir-se de máscara, formar danças, apresentar-se no curro, e percorrer pelas ruas públicas, não só nos dias das festas reais, mas ainda em todos os domingos, e dias santos, que depois delas e seguissem até ao fim do ano, para maior aplauso, e pública alegria pelos felizes desposórios de Suas Altezas. Havendo o Príncipe Regente Nosso Senhor declarado ser do seu real agrado, que estas festas, que se haviam de dar na praça do curro do Campo de Santa Ana, tivessem o seu comêço no dia 12 de outubro, aniversário do nascimento de Sua Alteza Sereníssima, o senhor príncipe da Beira, nas antevésperas dêste ditoso dia, e tão suspirado de todos, de novo saíu outro bando, muito solene, e aparatoso, indo os almotacéis com grande séquito dos oficiais da Câmara, todos a cavalo, com bandas de música igualmente montadas, e acompanhados de muitos criados da Casa Real, e de uma grande guarda da cavalaria da polícia, afim de publicarem os festejos, que em nome desta cidade do Rio de Janeiro, se haviam de executar por sete dias sucessivos na mencionada praça do curro. Esta cavalgada se dirigiu primeiramente ao Terreiro do Paço, e alí, depois de se soltarem muitos, e estrondosos foguetes do ar, se leu, na augusta presença do Príncipe Regente Nosso Senhor, e das pessoas reais, o edital de aviso; e depois de repetidos aplausos do muito povo, que se achava na praça, passaram a girar pelas ruas da cidade, e seus subúrbios, excitando por toda a parte grande, e universal contentamento, e desejos da chegada do aprazado dia.

Com efeito, amanheceu o dia 12 de outubro tão desejado, o qual desde a aurora até à noite esteve assás belo, e sereno, e que foi ao nascer do sol festejado com as salvas das fortalezas, e navios de guerra, que todos se embandeiraram. Ao meio-dia concorreu ao Paço o corpo diplomático, a Córte, e grande número de pessoas mais condecoradas de todas as ordens do Estado, para cumprimentar a Suas Altezas Reais pelo fausto motivo dos felizes anos do sereníssimo senhor príncipe da Beira. Pelas quatro horas da tarde saiu do palácio o Príncipe Regente Nosso

Senhor em grande estado, com a real família, nos coches mais ricos da Casa Real (por ser êste dia de grande gala), e se dirigiu para a praça do curro, seguido de outros muitos coches, que conduziam os oficiais mores, camaristas, damas, e outras pessoas do seu real serviço. Muitos dêstes coches eram puxados a seis, e a quatro bêstas, e os criados tinham fardas ricas, competentes à solenidade do dia. Já neste tempo os camarotes todos se achavam ocupados pelo corpo diplomático, pela fidalguia, nobreza, e pessoas mais distintas da cidade, por quem foram com antecedência distribuídos pelo ilustríssimo conselheiro, intendente geral da polícia; e o grande número de senhoras, pelo ornato, e riqueza, com que se apresentaram, realçava a magnificência do anfiteatro, cujas bancadas se viam cobertas de muitas mil pessoas, vestidas com o asseio, e decência, que convinha, o que fazia um espetáculo assás brilhante, e superior a tudo quanto se tinha visto no Rio de Janeiro até então em festas desta natureza. A chegada do Príncipe Regente Nosso Senhor com a real família foi anunciada por girândolas de fogos do ar, que se desenvolveram com grande estrondo, e ao tempo que se correram as cortinas do real camarim, e apareceram Suas Altezas, foram os augustos senhores aplaudidos com muitos vivas pelos seus leais, e amantes vassalos, que divisavam nos reais semblantes de Suas Altezas o excessivo prazer, e satisfação, com que recebiam os obséquios, que o seu povo consagrava ao feliz consórcio da sua prezada filha, e prezado sobrinho, os quais, estando também alí presentes, como que davam maior realce, e esplendor ao pomposo aparato das festas, animando ao mesmo tempo, e vigorizando a pública alegria.

— 36 —

Entretanto rompeu uma numerosa, e excelente orquestra, e entrou pela praça do curro o primeiro carro artificiosamente composto, e ornado com delicadeza: fingia êle um monte, sôbre o qual estava em pé a América com a aljava ao ombro, e arco na mão, tendo na cabeça um cocar de plumas de várias côres, e um saiote das mesmas: discorriam pelo monte vários animais, e pássaros do país, que por entre as ervas, e flôres se apascentavam. Êste belo carro servia para aguar a praça, e por esta razão esguichava água por diferentes repuxos, que saíam por entre as flôres, que eram todas artificiais. Vinham adiante dêle muitos índios, adornados ao seu modo, com o seu cacique à frente, e êstes caminhavam, dansando ao som de um assobio, que um dêles tocava; e depois de chegarem defronte do real ca-

marim formaram outras danças muito dificultosas, entranchando uns com os outros umas varas de côr vermelha, em forma de arco, e fazendo outras evoluções, que deram muito prazer. Este primeiro carro, e dança anexa a êle, foi oferta dos mercadores. Seguiu-se o segundo carro muito rico, que os ourives do ouro, e prata ofereceram para esta real função, dentro do qual vinha a dança dos chinas, vestidos de ricas sedas do mesmo país, e se dividiam em duas bandas, uma de azul claro, e outra de amarelo. Estes chinas, descendo do carro, executaram no meio da praça, danças muito engraçadas, ao som de vários instrumentos, com geral satisfação. Apareceu um terceiro, e elegante carro, conduzindo uns dançarinos, que no traje imitavam os antigos portugueses, os quais, pelo asseio, e riqueza do vestuário, e perfeita execução das danças, mereceram a geral atenção, e aprovação. Foi este carro dado pelos negociantes de molhados. Após dêle entrou o quarto carro, representando uma ilha do Mar Pacífico, com dança de índios próprios, que os caldeireiros, latoeiros, e ferreiros ofertaram. Entrou logo o quinto carro, fingindo um castelo, sôbre o qual tremulava a real bandeira portuguesa: deu este castelo uma salva real na augusta presença de Suas Altezas, e saindo de dentro dêle uma dança militar executou com muita certeza várias evoluções. Este carro foi ofertado por dois oficiais de carpinteiro, que fizeram a obra do curro. Rematou esta pomposa entrada dos carros um grande escaler, cuja maruja vinha cantando em ação de remar, segundo o seu estílo, e com muita graça, e, havendo desembarcado, fizeram, uma mui divertida dança. Finalmente, entraram pela praça os ciganos a cavalo, trazendo as mulheres na garupa; trajavam todos ricos vestidos agaloados de ouro, e prata, e, descendo dos cavalos, formaram, na frente do camarim real, uma dança ao som de instrumentos, que foi grandemente aplaudida pelo acêrto, e primor da sua execução. Entre outras muitas danças, que se apresentaram no curro, deu muito prazer a dos macacos, não só pelo ridículo das suas figuras, saltos, e trejeitos pantomímicos, mas também pelo desenvolvimento da mesma dança, que, sendo toda ela mímica, rematou com formarem um círculo, e sôbre os ombros dêstes se puseram em pé outros quatro, fazendo um grupo, sôbre o qual se firmou um pequeno macaco, o qual desenrolou os retratos dos sereníssimos consortes, e os mostrou aos espectadores entre repetidos aplausos, em que rompeu toda a nobilíssima assembléia. Além dos máscaras, que formavam as danças, via-se a passear pela praça do curro um avultado número de máscaras, vestidos com asseio, e riqueza, uns sérios, outros burlescos; pois lhes havia sido permitido fazer êstes giros pelo recinto do curro até chegar a ocasião de entra-

rem os cavaleiros: e esta mesma afluência de tantos mascarados, além de divertir os olhos pela variedade, e engenhosa invenção dos vestuários, e das máscaras, dava um público testemunho do gosto, com que todos competiam entre si por agradar ao nosso amável soberano, concorrendo como podiam para festejar as núpcias da sua augusta filha.

— 37 —

Concluídas as danças se recolheram os carros; e os máscaras tomaram assento nas bancadas, que lhes haviam sido reservadas. Imediatamente entraram muitos criados da Casa Real com grandes uniformes, trazendo à destra soberbos cavalos das reais cavaliarias, enfeitados com fitas, e penachos sôbre a cabeça, e cobertos com ricos telizes. Seguiam-se vários carros de campo, sôbre os quais vinham os caixões com os aprestos necessários para as cavalladas, que nesta primeira tarde se haviam de executar naquela praça. Logo depois appareceram trinta e dois cavaleiros, divididos em quatro bandas de oito cada uma, distintas pelas diferentes côres dos seus vestidos: a primeira era côr de rosa, a segunda azul claro, a terceira amarelo, a quarta verde; as duas primeiras tinham bordaduras de ouro, e as duas últimas de prata sôbre as casacas, que eram de fino belbute; todos os cavaleiros vinham muito louções, e magníficos, não só respectivamente às suas pessoas, como também à formosura, e adôrno dos seus cavalos. Cada cavaleiro trazia junto de si um servente, vestido de setim da côr relativa à do seu amo, e todos trajavam jaquetas com os seus saiotes, franjados de ouro, ou prata, e traziam barretinas com plumas de várias côres. Feitas as competentes cortezias ao Príncipe Regente Nosso Senhor, aos augustos desposados, e mais pessoas reais, se dividiram os cavaleiros em duas filas, e passaram a girar em tórno da praça, cortejando também os espectadores, que altamente os aplaudiam; e tornando-se a reúnir deram principio às escaramuças, passaram ao depois às justas, aos jogos de canas, às alcancias, etc., desenvolvendo todos muita habilidade, primor, e galhardia na execução das difíceis, e delicadas regras da cavalaria, quer nas carreiras, quer nos jogos, quer nos tiros de pistola ao alvo, quer, enfim, em todas as mais evoluções, e merecendo uma geral aprovação, manifestada pelos repetidos aplausos dos espectadores. Com a chegada da noite se pôs termo às festas dêste dia; e ao retirar-se o Príncipe Regente Nosso Senhor com a real família, de novo se soltaram outras girândolas, que avivaram a alegria, e a satisfação de todos. Nesta noite houve teatro de Côte pelo motivo dos anos do serenís-

simo senhor príncipe da Beira, o qual foi honrado com a real presença de Sua Alteza, o Príncipe Regente Nosso Senhor, e de parte da sua augusta família, e onde também foram Suas Altezas festejados com muitos vivas dos seus fiéis vassallos, que ali se achavam congregados por tão plausível motivo.

— 38 —

No dia seguinte, destinado para o divertimento da corrida dos touros, logo que o Príncipe Regente Nosso Senhor chegou com a real família pelas quatro horas da tarde à praça do curro, começaram a entrar por ela os carros, e as danças, como na tarde antecedente, e tendo cada uma delas divertido por largo espaço aos espectadores, que naquele anfiteatro ocupavam tanto os camarotes, como as bancadas, a um sinal dado se recolheram os carros, e os máscaras despejaram o terreiro, para dar lugar ao combate dos touros. Apareceu então o neto muito bem montado, com o séquito dos capinhas, e demais serventes, que conduziam o trem necessário; e, depois que o neto fêz as suas corpezias, passou a postar-se no competente lugar, para ali receber as ordens, que Sua Alteza Real fôsse servido mandar dar-lhe. Logo entraram dois valentes, e animosos campeões, montados em soberbos ginetes, acompanhado cada um dêles de dois capinhas, e tendo feito ao Príncipe Regente Nosso Senhor, aos augustos consortes, e à real família as devidas vênias, como também as corpezias aos espectadores, segundo o estilo da cavalaria, voltaram para fora da praça, afim de mudarem de cavalos; o que tendo feito, sem muita detença, tornaram a entrar na praça, estando já sôto no meio dela o primeiro touro, e passaram a recebê-lo em duelo, e depois dêste os demais, que sucessivamente se soltaram para êste fim. À medida da ferocidade, maior ou menor, dêstes animais, assim os toureadores tiveram ocasião de ostentar, mais ou menos, a sua destreza, e valor no combate, conforme os encontros, e acometimentos, que houveram; e os capinhas executaram da sua parte muitas sortes com desembaraço, e ligeireza. Desta sorte se passou o resto da tarde, até que, sobrevindo a noite, se deu fim à corrida dos touros com soltarem-se muitos fogos do ar ao tempo, que o Príncipe Regente Nosso Senhor se recolheu com a real família para o interior do camarim.

— 39 —

Nas tardes dos seguintes dias se repetiram alternadamente os mesmos festejos, com igual pompa, e júbilo, por terem estado

aqueles dias sempre serenos, e claros constantemente, e não haver acontecimento, que causasse o mais leve dissabor. E, para nada faltar ao esplendor de tão magníficas festas, o ilustríssimo conselheiro, intendente geral da polícia, em cada uma destas tardes de cavalhadas, e touros, fêz preparar um suntuoso (*dessert*) nos quartos interiores do real camarim, onde Suas Altezas Reais descansaram, e foram servidos tomar uma refeição; contendendo entre si, naquele respeitável lugar, a riqueza da baixela de ouro, e de prata com a profusão, e delicadeza dos manjares; mas a tudo levou a palma o afeto, o amor, e a reverência, que o digno magistrado consagra ao seu, e nosso augusto príncipe, e senhor, aos sereníssimos consortes, e a toda a real família. Não se limitando só àquele nobilíssimo recinto a munificência do ilustríssimo conselheiro, intendente geral da polícia, ela se estendeu pela maior parte dos camarotes, administrando-se às pessoas, que neles se achavam, doces, e refrescos em abundância, que em ricas bandejas eram ofertados por criados destinados para êsse obséquio.

— 40 —

Na noite de 21 de outubro se apresentou na praça do curro uma cena muito brilhante de iluminação geral por toda ela, acendendo-se repentinamente a fachada dos camarotes por todo o âmbito do anfiteatro, desde as trincheiras até às pirâmides, e vasos sôbre a cimalha real, à chegada do Príncipe Regente Nosso Senhor, e da real família. A tudo sobressaía a rica, e bela iluminação da frente do camarim de Suas Altezas, a qual era toda de cera em polidos lustres de cristal, globos, e mangas de vidro; e pelo recinto da praça haviam muitos lampiões de dois, e três lumes igualmente de cera. Os camarotes, e as bancadas estavam ocupados com ainda maior afluência de pessoas, do que nas tardes antecedentes, além de povo imenso, que passeava por fora do curro, por já não ter podido achar lugar nas bancadas, em que se pudesse acomodar tanta gente, quanta concorrera nesta aprazível noite. Entraram na praça os carros com as suas danças, e igualmente os ciganos a cavalo com as mulheres à garupa, e da mesma sorte muitos máscaras avulsos, que giravam por uma, e outra parte: os carros vinham todos iluminados, o que muito realçava a beleza dos seus ornatos; e havendo parado cada um no seu lugar, distantes uns dos outros, ao mesmo tempo as diferentes danças tomaram o terreno, que lhes foi assinado, em todo o circuito da praça, sem que umas empecessem as outras, e começaram os seus movimentos ao som

das suas respectivas músicas; porém os ciganos tiveram a honra de ficar na frente do real camarim. Concluídas as dansas se recolheram os carros: e logo entraram os cavaleiros vestidos de branco, com tochas acesas na mão, os quais, depois de cortejarem a Suas Altezas Reais, passaram a dar carreiras, e a fazer outras várias escaramuças em tórno da praça; depois disto fizeram diferentes jogos, que muito agradaram a todos, e entretiveram até à meia-noite a numerosíssima assembléia. Então o Príncipe Regente Nosso Senhor deu por concluída a função desta noite, que tantos, e tão lindos objetos apresentara aos olhos dos espectadores, e de que Suas Altezas Reais muito se satisfizeram, sendo servidos dar públicas demonstrações do seu real agrado ao ilustríssimo conselheiro, intendente geral da polícia, que tanto se esmerou no arranjo, e execução destes festejos, os primeiros, que se fizeram no Rio de Janeiro na real presença do soberano, e por êste tão honroso motivo dignos de eterna celebridade.

— 41 —

Nesta mesma festiva noite a praça do curro, não podendo, a-pesar-da sua vastidão, conter o desafôgo da pública alegria, esta se espalhou pelas ruas da cidade, saindo os carros iluminados com as respectivas danças, e outros muitos máscaras, a passear por elas, fazendo o entretenimento do povo, que os acompanhava, e das senhoras, que chegavam às janelas, atraídas da suavidade dos instrumentos músicos, beleza dos adornos, e da iluminação, que os aclarava. Também na noite do dia 25 se dirigiram os carros, e as danças para o Terreiro do Paço, indo os mesmos carros muito iluminados, e entre êles um brigue de guerra, igualmente cheio de luzes, o qual, chegando defronte do quarto do senhor infante, deu uma salva real, com muitos vivas da sua tripulação, e aplauso do numeroso concurso, que atraído desta novidade se havia congregado na praça, e que admirava tão grande máquina mover-se sem vento, que enchesse as velas, e navegar sem água. Ali houve danças, e outros divertimentos por grande parte da noite; e, havendo-se afinal retirado os carros, ficou o brigue, como ancorado, por alguns dias naquele mesmo lugar, todo embandeirado, e muito vistoso.

— 42 —

O grande fogo artificial, que havia sido destinado para a noite do dia 21, se transferiu para a de 26, não só para fazer

mais plausível o dia natalício do sereníssimo senhor infante D. Miguel, como também para dar tempo de formar-se uma nova, e elegante perspectiva no Campo de Santa Ana; porquanto, tendo sido a primeira determinação, que se desenvolvesse o fogo dentro da praça do curro, o Príncipe Regente Nosso Senhor sugeriu êle mesmo o arbítrio de que fôsse armado no dito Campo; pois assim não ficava privada dêste espetáculo a maior parte do povo da cidade, e do que a ela concorrera, atraído da fama de tão magníficas festas reais, querendo Sua Alteza que todos pudessem gozar do divertimento do fogo, e de uma nova iluminação, que se fêz no dilatado Campo. Formou-se portanto um passeio, imitando um jardim com várias ruas, que se cruzavam; por um, e de outro lado das ruas corria um engradamento de altura de quatro a cinco palmos, entrelaçado com ramos de plantas aromáticas, e adornado de vasos, e pirâmides; nas bocas das mesmas ruas havia arcadas de madeira muito bem pintadas, e de espaço em espaço se plantaram palmeiras, que faziam muito bela vista, estando tudo iluminado com grande cópia de lampiões, e copos de vidro de diversas côres.

— 43 —

No centro dêste jardim se elevava uma peça de arquitetura muito vistosa, de figura oitavada, tendo cada face vinte palmos de largo, e quarenta e oito de altura, e terminava com uma grande pirâmide, rematada por um sol. No corpo, que servia de base à pirâmide, se liam em transparentes quadras alusivas ao grande objeto, que motivava estas reais festas; por toda esta máquina, que figurava uma tórre, e fora dela, por um, e outro lado, se armaram as diferentes peças do fogo de artifício. Logo que anoiteceu chegou o Príncipe Regente Nosso Senhor com a real família, e, acompanhado da Córte, examinou o jardim, passeando por todo êle, e dando as mais alegres demonstrações da sua real satisfação; e depois passou a recolher-se ao real camarim da praça do curro, para das varandas do mesmo assistir ao desenvolvimento do fogo, que lhe ficara fronteiro, e em distância de vinte braças, pouco mais ou menos. Com efeito, depois das nove horas começou a arder o mencionado fogo, fazendo muitas, e diferentes vistas de rodas, chuveiros, estrêlas, iluminação, e outras invenções agradáveis aos olhos; e ao mesmo tempo, de espaço em espaço, subiam ao ar girândolas de fogos volantes, que com grande estrondo se desmanchavam com diversas vistas, até que subindo o rastilho ao sol, se iluminou êste com muito esplendor, dando o final remate não

só ao fogo artificial, mas também a toda a festividade, que o Rio de Janeiro consagrou aos felizes desposórios da augusta filha do Príncipe Regente Nosso Senhor. A êste último espetáculo seguiram-se os aplausos de um povo imenso, que cobria toda a vasta extensão do Campo, e que cheio do maior contentamento bendizia as festas, e o diretor, como também abençoava o augusto enlace de Suas Altezas, pedindo ao céu que nos conceda motivos de maior alegria, honrando os brasileiros com o nascimento de um patrício das Reais Casas de Bragança, e Bourbon. Devo acrescentar, que o Príncipe Regente Nosso Senhor premiou com generosidade a todas as pessoas, que concorreram para estas festas reais, tanto aos que entraram nas cavalcadas, como aos diretores dos carros, e danças, concedendo a uns, hábitos das ordens militares, a outros, postos, e a todos, gratidão, segundo os merecimentos de cada um, pôsto que o afeto, e amor, com que serviram, fôsse igual em todos.

— 44 —

No domingo 21 de outubro, sendo servido o Príncipe Regente Nosso Senhor dar aos religiosos do Carmo para sua morada o seminário da Lapa, passaram os mesmos religiosos do hospício dos barbadinhos, onde interinamente residiam, depois que cederam o seu convento, e igreja para Capela Real, e Paço, ao referido seminário, levando em procissão solene a devota, e formosa imagem de Nossa Senhora do Carmo em uma rica charola, levada pelos mesmos religiosos, a quem também acompanhou a ordem terceira respectiva. O excelentíssimo e reverendíssimo bispo, capelão-mor conduziu debaixo do pálido o Santíssimo Sacramento, seguido de muito povo, que, atraído pela devoção, concorrera para êste ato tão solene; e o Príncipe Regente Nosso Senhor com os sereníssimos príncipe da Beira, e infantes D. Miguel, e D. Pedro Carlos, acompanhado de algumas personagens da Côrte, esperou na porta da igreja, e ali recebeu a formosa imagem de Maria Santíssima, e o seu Divino Filho Sacramentado, com aquela devoção, e piedade, com que tanto edifica os seus vassallos. O hospício dos barbadinhos foi dado para residência dos religiosos da ordem terceira, que de Lisboa tinham vindo como capelães das embarcações da Marinha Real, aos quais até então não se havia dado casa para nela viverem regularmente, segundo o seu instituto. Hoje são conhecidas estas duas casas regulares, a primeira com o nome de convento do Carmo da Lapa, e a segunda com o de hospício de Nossa Senhora do Patrocínio.